

Paracatu também fala grosso. E decreta a sua moratória.

Entusiasmados com a moratória anunciada pelo presidente da República, a diretoria da Associação Comercial e Industrial de Paracatu, cidade localizada no Noroeste Mineiro, a 200 quilômetros de Brasília, recomendou aos seus associados que decretem uma moratória municipal e não paguem por 90 dias os empréstimos bancários todos os impostos federais, estaduais e municipais. O comunicado:

23 FEV 1987

"A Associação Comercial e Industrial de Paracatu resolveu comunicar ao povo e as autoridades que tendo em vista a difícil situação econômica do País. Especialmente a crise econômica e as elevadas taxas de juros. reuniu os empresários em assembléia geral e resolveu o seguinte: 1º) Suspender o pagamento de todas as dívidas contraídas com os bancos pelo prazo de 90 dias; 2º) Suspender o pagamento de todos os impostos federais, estaduais e municipais por 90 dias; 3º) Retirar todos os depósitos que cada um tiver nos bancos; 4º) Pagar as duplicatas de agora em diante somente em carteira".

Pesquisa: com o País falido, a população apóia a moratória.

Foi o que mostrou um levantamento do JT

A moratória decidida pelo governo brasileiro foi uma medida correta e corajosa, porém adotada por um país falido. A nível interno ela afetará a vida da população; a nível externo afetará a imagem do País. Este o resultado da pesquisa feita sábado pelo Departamento de Pesquisa de Mercado OESP-JT, que traçou uma certa indefinição da população quanto ao apoio que o presidente Sarney terá, a partir de agora. José Cyrillo Agatão, analista do departamento, disse que numa análise mais profunda a pesquisa mostra que, quanto mais elevada a classe social do entrevistado, mais ele se sente preocupado com as conseqüências da moratória.

Ao todo foram ouvidas 200 pessoas, pelo telefone. Dos entrevistados, 22% da Classe "A", 47% da Classe "B", 25% da Classe "C" e 6% da Classe "D". A escolha foi aleatória e compreendeu todas as regiões da capital. Pouco mais da metade, 55% acharam correta a medida adotada pelo governo; 24% não souberam opinar e 21% julgaram incorreta a moratória. O resultado revela que, quanto mais elevada a classe social, mais o entrevistado se mostra a favor das medidas.

A segunda pergunta foi sobre a atitude em si — se corajosa ou fruto da falência do País. Houve um certo equilíbrio: 43% entenderam como uma medida corajosa e 49% entenderam que o País está falido;

11% preferiram não opinar. O resultado mostra ainda que, na Classe "A", 66% dos entrevistados acham que o País está falido.

A moratória deverá, basicamente, atingir as Classes "A" e "B", que assim se manifestaram: 57% da Classe "A" e 49% da "B" entendem que a atitude do governo irá prejudicá-los. Ao todo, 43% acreditam que a moratória afetará a vida da população; 30% não acreditam e 27% não souberam opinar.

A imagem do País saiu maculada. Assim entendem 71% dos entrevistados; 20% não acreditam nisso enquanto 9% permanecem em dúvida. A pesquisa revela ainda que, quanto mais elevada a idade do entrevistado, mais ele se manifesta

preocupado com essa imagem. Essa preocupação é manifestada em 77% da Classe "A", 75% na "B" e 64% na "C".

A última pergunta foi sobre o apoio que o presidente Sarney teria junto à população, após a moratória. Houve uma certa indefinição: 38% dizem que ele não terá apoio; 35% dizem que sim e 15% permanecem em dúvida. Dos que acreditam, 12% dizem que o presidente terá apoio em todos os segmentos da sociedade.

Dos entrevistados, 14% tinham de 18 a 24 anos de idade; 28% com idade entre 24 e 34 anos; 29% entre 35 e 49 anos e 29% com idade superior aos 49 anos.

Quem diria que a ecologia pode acabar com dívida externa?

A dívida de cerca de um trilhão de dólares dos países do Terceiro Mundo ao mundo desenvolvido poderia ser paga se suas florestas virgens fossem colocadas aos cuidados das Nações Unidas ou transformadas num parque mundial como herança comum à humanidade, em troca do cancelamento dos débitos. Esta quantia é inferior ao 1,5 trilhão de dólares da escalada armamentista da administração Reagan.

O cinturão verde de florestas tropicais que circunda a linha do Equador está sendo brutalmente esterilizado pela exploração humana. E a fertilidade das florestas tropicais depende de um incentivo econômico prático, para adaptar-se às recentes mudanças estruturais na economia mundial.

Pelo menos, esta proposta ecológica permite a salvação palpável dos países endividados, a partir do reconhecimento da inevitável incapacidade de pagamento da dívida. Mesmo para uma nação rica, como os Estados Unidos.

Por Tom Falvey, ao Los Angeles Times